

Evidências científicas na alfabetização: experiências possíveis na escola pública

Scientific evidence in literacy: possible experiences in public school

Miryan Cristina Buzetti¹

281

Resumo: Ao utilizar as evidências científicas na área da alfabetização em sala de aula, busca-se oferecer ao aluno uma oportunidade de aprendizagem mais adequada, respeitando o processo de aprendizagem e buscando um ensino explícito que contribua para um melhor desempenho do aluno. O presente artigo tem como objetivo aproximar a ideia de evidências científicas do ambiente de sala de aula, demonstrando assim que é possível para o professor oferecer oportunidades de aprendizagem mais adequadas. O estudo demonstra como resultado que, ações como monitoramento e ensino explícito favorecem para uma prática mais coerente e que respeita o processo de aprendizagem do aluno.

Palavras-chave: Alfabetização; Evidências Científicas; Ensino Explícito.

Abstract: By using scientific evidence in the area of literacy in the classroom, we seek to offer the student a more appropriate learning opportunity, respecting the learning process and seeking an explicit teaching that contributes to better student performance. This article aims to bring the idea of scientific evidence closer to the classroom environment, thus demonstrating that it is possible for the teacher to offer more appropriate learning opportunities. The study demonstrates as a result that actions such as monitoring and explicit teaching favor a more coherent practice that respects the student's learning process.

Keywords: Literacy; Scientific Evidence; Explicit Teaching

Introdução:

¹ 1. Pedagoga (UNESP), Mestre e Doutora em Educação Especial (UFSCar), Pós-doutorado (Unesp). Professora Séries iniciais Ensino Fundamental I rede municipal de Américo Brasiliense SP. E-mail: miryan_05@hotmail.com

Recebido em 22/03/2022
Aprovado em 22/04/2022

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*



A aprendizagem da leitura e da escrita em sistemas alfabéticos pressupõe alterações no processo cognitivo de quem aprende, possibilitando um avanço para um nível de conhecimento explícito, consciente e reflexivo. A compreensão do sistema alfabético é considerado um fator fundamental para a aprendizagem da leitura e da escrita. Essa compreensão poderá depender de três aspectos: conscientização de que é possível segmentar a nossa fala em unidades menores como palavras, sílabas e fonemas; a conscientização de que essas unidades menores poderão estar presentes em diferentes palavras e posições; conhecer as regras existentes entre grafemas e fonemas (GUIMARÃES, 2003).

Sendo assim, a capacidade de refletir conscientemente sobre as unidades linguísticas é considerada por muitos pesquisadores como indispensável para que uma pessoa em fase de aprendizagem de leitura e escrita consiga compreender o Sistema de Escrita Alfabético e possa assim dominar as habilidades de leitura e escrita (SCLiar-CABRAL 2013, MORAIS, 2012). Pode-se afirmar então que, para aprender a ler e escrever a criança precisa refletir sobre a língua e sua utilização, sendo capaz de manipular as diferentes unidades linguísticas e as partes que a compõe.

A própria situação de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita direciona os alunos a focar a atenção em aspectos sonoros e segmental da linguagem oral, principalmente em aspectos relacionados a identificação e manipulação dos fonemas.

A consciência fonológica envolve o reconhecimento pelo indivíduo de que as palavras são formadas por diferentes sons que podem ser manipulados, abrangendo não só a capacidade de reflexão (constatar e comparar), mas também a de operação com fonemas, sílabas, rimas e aliterações (contar, segmentar, unir, adicionar, suprimir, substituir, transpor). Moojen et. al. (2003, p.11).

Dessa forma, o professor precisa direcionar o trabalho que envolve tais capacidade de reflexão, otimizando assim, a aprendizagem do aluno. Scliar-Cabral apresenta que

[...] Fica bem claro, dada a documentação histórica, que a linguagem verbal oral se desenvolve espontaneamente, desde que haja traços de humanização, enquanto a linguagem escrita é uma invenção, cuja aprendizagem intensiva e sistemática é necessária, na maioria dos casos” (Scliar-Cabral, 2003, p.26).

Para Scliar-Cabral (2013) o maior desafio na fase de aprendizagem de leitura e escrita é o fato da criança perceber a fala como um contínuo, exigindo então do professor desenvolver atividades para que a criança tenha consciência das palavras e sílabas, essa aprendizagem está

relacionada com o desenvolvimento da consciência fonológica. Para Moraes (2012), o professor que trabalha com o ensino de leitura e escrita precisa ter conhecimentos sobre habilidades metafonológicas se questionando, sobre quais habilidades de consciência fonológica um aluno precisa aprender? É possível treinar a consciência fonológica? O treino de consciência fonológica é fazer a criança memorizar as letras e sua correspondência entre fonema e grafema?

Quando o professor trabalha com o ensino de leitura e escrita precisa desenvolver atividades relacionadas as unidades linguísticas (sílabas, rimas, fonemas) e suas posições em uma palavra (inicial, intermediária, final), também precisa se atentar a natureza do léxico da palavra e desenvolver atividades que envolvam a comparação, categorização e transformação das palavras. Moraes (2012) comenta que os professores trabalhem atividades que envolvam a contagem de sílabas, comparação de palavras quanto ao número de sílabas, identificação de palavras que começam ou terminam com a mesma sílaba, entre outras atividades.

O termo consciência fonológica está relacionado à consciência de segmentos em nível de palavras e subpalavras como aliteração, rima, sílabas e fonemas (CAPOVILLA E CAPOVILLA, 2009). Está relacionada a diversas habilidades metalinguísticas como consciência fonêmica (consciência de fonemas), segmentação de palavras em fonemas, segmentação de palavras em sílabas, segmentação das sentenças em palavras, consciência de rima e aliteração, além de envolver adição e subtração de fonemas, aglutinação de fonemas, entre outras habilidades.

Autores como Barrera e Maluf (2003), Guimarães (2003) e Capovilla et al (2007), dividem a consciência fonológica em dois níveis: a consciência suprafonológica ou suprasegmental que se refere as unidades linguísticas maiores que os fonemas (sílabas, rima, aliteração e palavras) e a consciência fonêmica que se está relacionada diretamente aos fonemas.

Os fonemas são as pequenas partes da fala que estão relacionadas as letras de um sistema de escrita alfabética, dessa maneira, a consciência de que a língua é formada desses pequenos sons é denominado de consciência fonológica (ADAMS et al, 2006). A detecção de um fonema não depende apenas da boa acuidade auditiva de quem está aprendendo, envolve também construções mentais, sendo seu domínio por parte de quem aprende resultado de uma elaboração cognitiva intensa e gradual (ZORZI,2003).

O desenvolvimento da consciência fonológica em crianças segue um padrão hierárquico, avançando da capacidade de isolar unidades maiores de sons (palavras ou sílabas) para unidades intermediárias (aliteração e rima) para unidades menores (fonemas).

A Política Nacional de Alfabetização publicada em 2019 destaca a urgência de mudança de práticas e posturas pedagógicas dirigidas para a alfabetização em nosso país, indicando como caminho para essa mudança as práticas baseadas em evidências científicas. Para justificar a relevância das evidências científicas e as possíveis contribuições o documento apresenta diversas experiências realizadas em outros países.

Nos Estados Unidos, por exemplo, no ano de 2000 foi publicado o *National Reading Panel*, que apresenta os cinco pilares para uma alfabetização de qualidade, sendo:

- Consciência Fonêmica
- Instrução fônica sistemática
- Fluência de leitura
- Vocabulário
- Compreensão de textos

A partir desses pilares e da evidência de bons resultados, programas de alfabetização foram elaborados e divulgados. Conhecer com propriedade esses pilares impacta diretamente no planejamento das ações docentes e na estrutura curricular. A leitura e a escrita precisam ser ensinadas de modo explícito e sistemático, dessa forma o professor/ educador precisa conhecer as habilidades fundamentais para esta aprendizagem (SNOWLING, 2005).

Diante da relevância do tema, e da urgência em repensar a prática do professor alfabetizador no Brasil, o presente trabalho tem como objetivo relatar práticas pedagógicas diversificadas que atenderam como primícia os apontamentos da ciência e a organização do ensino explícito.

Práticas pedagógicas

Uma das maiores dificuldades dos professores para o ensino da correspondência grafema-fonema é a relação que é arbitrária, no sentido que, o nome da letra não representa o seu valor sonoro (SCLIAR-CABRAL, 2003). Assim, iniciar a alfabetização ensinando as vogais e as consoantes que tem a correspondência direta entre fonema-grafema e grafema-fonema e que é possível prolongar o “som” favorece a compreensão do aluno. Dessa maneira, iniciar com as letras F, M, J, V, N, Z, L, S, X, R, auxilia a aprendizagem do aluno em relação a percepção do fonema (CAPOVILLA E CAPOVILLA, 2009). Ao iniciar o ensino de uma letra, é preciso deixar explícito para o aluno o formato da letra (traço), o som, e o nome da letra, e

não somente a correspondência da grafia e do nome da letra. Esse ensino deve ser explícito, sistemático e dirigido, de maneira que o aluno possa ir criando memórias e reverberando a informação.

A memória sensorial faz parte do processo de aprendizagem, assim explorar recursos e experiências com diferentes texturas e objetivos favorecem a aprendizagem do aluno, como a experiência de usar farinha, sal ou areia para que o aluno possa praticar a grafia da letra e o reconhecimento do fonema correspondente.

Figura 1: Atividade sensorial com areia



Fonte: Arquivo pessoal

De acordo com Dehaene (2012), quando se fala de leitura, o sistema de entrada da informação é o visual, assim quanto mais explorarmos no início do processo de alfabetização as experiências sensoriais e de contato com as letras mais consolidada ficará tal informação. Experiências com o alfabeto móvel por exemplo poderão contribuir para o reconhecimento das letras, de sua formas e de sua identificação do fonema e do nome. Além do alfabeto móvel outros recursos poderão ser utilizados, como por exemplo, o material reciclado.

Figura 2: Letra móvel de rolinho de papel higiênico



Fonte: Arquivo pessoal

Nesta atividade, os alunos reconheceram os traços e o formato da letra, realizaram a pintura da letra com a tinta guache utilizando o dedo, e enquanto os alunos realizaram uma atividade lúdica e prazerosa a professora conversava com eles sobre o som da letra e as possíveis palavras que iniciam com esse som. Assim, é possível oferecer aos alunos um recurso que irá desenvolver nos alunos as habilidades preditoras para a alfabetização, de baixo custo e que favorece um ensino baseado em evidências e que seja explícito.

O circuito necessário para a aprendizagem da leitura, de acordo com Snowling (2005), inclui: processamento das características visuais das letras e palavras, transformação das letras em sons e a compreensão do significado das palavras. Andrade, Andrade e Capellini (2014) apresentam que a estimulação da consciência fonológica, aliada ao conhecimento de letras e a relação fonema-grafem promove avanços significativos de escrita e leitura. Quando o aluno compreende que os caracteres alfabéticos não são somente sinais gráficos, mas que representam os sons da fala esse aluno compreende então o princípio alfabético.

Para evidenciar os fonemas marcadores podem facilitar a percepção e auxiliar o aluno nesse processo, como por exemplo, colar um adesivo para cada som pronunciado, ou usar recursos como palito de sorvete, algodão, grãos, massinha de modelar, entre outras opções para deixar visível a quantidade de fonemas existentes em cada palavra. Para facilitar esse processo de percepção dos fonemas é importante fazer o aluno experienciar, sentir, repetir, visualizar,

ouvir, manipular, para que ele consiga reverberar a informação e fazer a generalização da mesma.

Figura 3: Percepção dos fonemas nas palavras



Fonte: Arquivo pessoal

Neste tipo de atividade com marcadores físicos é possível trabalhar a consciência fonológica enfatizando desde a formação da palavra e aliteração, até a questão da rima, da manipulação silábica até chegar nos fonemas. Palavras compostas com consoante, vogal, consoante e vogal (CVCV) são mais fáceis para trabalhar neste início da alfabetização, enfatizando para o aluno um padrão a ser seguido, sendo apresentado posteriormente as demais formações de palavras.

Quando o professor compreende a importância de o aluno reconhecer e identificar os fonemas, é possível realizar um trabalho pedagógico mais direcionado que facilite a aprendizagem do aluno. É necessário que o professor explore e trabalhe com mais frequência atividades que envolvam rima e aliteração, por exemplo, mas que esse professor consiga compreender o objetivo e a importância de trabalhar esse tipo de atividade do processo de aprendizagem do aluno.

Considerações finais:

O presente trabalho teve como objetivo demonstrar que é possível aproximar as evidências científicas da sala de aula, assim como é necessário e urgente repensar as práticas

pedagógicas pós ensino remoto emergencial. Vivenciamos no Brasil aproximadamente dois anos na modalidade de ensino remoto, que trouxeram impactos e consequências para o desenvolvimento do aluno e para a prática docente.

Diante dos desafios da alfabetização, é importante reconhecer os esforços e conhecimentos já estruturados, como as habilidades preditoras para a alfabetização, assim como os pilares para a aprendizagem da leitura e da escrita. É urgente que o professor domine o processo de aprendizagem, entendendo as habilidades que precisam ser desenvolvidas, para que possa assim, estruturar e propor práticas de intervenção que sejam explícitas e dirigidas para a necessidade do aluno.

O presente estudo vem evidenciar que, quando o professor tem conhecimento das habilidades e do processo de alfabetização, mesmo diante de recursos como o uso de materiais recicláveis, ou recursos de baixo custo, é possível propor atividades e experiências que assegurem um desempenho melhor para o aluno. Após o ensino remoto emergencial, giz e lousa não são mais suficientes para a aprendizagem do aluno, momentos de interação, de experiência, de manipulação, de construir e desconstruir são fundamentais.

Referências:

ADAMS, Marylin J. et al. *Consciência Fonológica em Crianças Pequenas*. Porto Alegre: Artmed-Bookman, 2006

BARRERA,S.; MALUF,M. *Consciência metalinguística e alfabetização*: Um estudo com crianças da primeira série do Ensino Fundamental. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 16 (3), p.491-502, 2003

CAPOVILLA, A; CAPOVILLA, F. *Problemas de Leitura e Escrita: como identificar, prevenir e remediar, numa abordagem fonológica*. São Paulo, SP: Memnon, 2000

CAPOVILLA, A. G. S.; DIAS, N. M.; MONTIEL, J. M. Desenvolvimento dos componentes da consciência fonológica no ensino fundamental e correlação com nota escolar. *PsicoUSF*, vol.12, n. 1, p. 55-64, 2007.

CAPOVILLA,A. ; CAPOVILLA,F. A consciência fonológica e sua importância para a aquisição da linguagem escrita. In: MOTA,M (org.) *Desenvolvimento metalinguístico: Questões contemporâneas*. 1ªed. São Paulo: Casa do Psicólogo, p.50-62, 2009.

CUNHA, V. L. O.; CAPELLINI, S. A. Habilidades metalinguísticas no processo de alfabetização de escolares com transtornos de aprendizagem. In: *Revista Psicopedagogia*, v. 28, n. 85, 2011. p. 85-96.

FREITAS, G.C.M. Sobre a consciência fonológica. In. LAMPRECHT, R. *Aquisição fonológica do português*. Porto Alegre: Artmed, 2004

GUIMARÃES, S. R. K. (2003). Dificuldades no desenvolvimento da lectoescrita: o papel das habilidades metalinguísticas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 19(1), 33-45

MALUF, M. R.; BARRERA, S. D. Consciência fonológica e linguagem escrita em pré-escolares. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 125-145, 1997.

MOOJEN, S.; SANTOS, R. M.; FREITAS, G. M.; BRODACZ, R.; SIQUEIRA, M.; COSTA, A. C.; GUARDA, E. *CONFIAS - Consciência fonológica: instrumento de avaliação seqüencial*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

MORAIS, A. G. *Sistema de Escrita Alfabética*. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

SCLIAR-CABRAL, L. *Princípios do Sistema Alfabético do Português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2003.

SCLIAR-CABRAL, L. *Sistema Scliar de Alfabetização – Roteiros para o professor: 1º Ano*. Florianópolis: Editora Lili, 2013.

SNOWLING, Margaret; HUME, Charles (Eds.). *The science of reading: a handbook*. Oxford: Blackwell, 2005

ZORZI, J. L. (2003). *Aprendizagem e distúrbios da linguagem escrita: questões clínicas e educacionais*. Porto Alegre: Artmed.